

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: JOSÉ OSMAR DE MELO

TÍTULO: NIETZSCHE: PERSPECTIVISMO, GENEALOGIA E TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES: UMA FILOSOFIA PARA A PÓS-MODERNIDADE?

AUTORES: JOSÉ OSMAR DE MELO, JOSÉ OSMAR DE MELO

PALAVRA CHAVE: NIETZSCHE, GENEALOGIA, PERSPECTIVISMO, TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

RESUMO

Este ensaio tem como finalidade analisar por que Nietzsche filosofa a golpes de martelo e não hesita em seus textos em desafiar normas. Com irreverência, ironia e iconoclastia, o filósofo questiona nossa maneira habitual de proceder e nosso modo costumeiro de agir. Assim, não poupa críticas aos contundentes valores que norteiam nossa conduta, com vistas a mostrar que, diferentemente do que supomos, o bem nem sempre contribui para o prosperar da humanidade nem o mal para a sua degeneração. Por isso mesmo, um dos propósitos de Nietzsche, ao que parece, visa a diagnosticar os valores estabelecidos a partir de Assim falou Zaratustra. Neste livro, o filósofo alemão introduz a noção de valor e opera uma subversão crítica, pois põe de imediato a questão do valor dos valores. Com isso, levanta a pergunta pela criação dos valores. E por que Nietzsche procede a essa indagação? Porque, para ele, nunca se colocou em causa o valor dos valores "bem" e "mal" e nunca se hesitou em atribuir ao homem "bom" um valor superior ao do "mau". Se isso nunca foi feito é porque esses valores são considerados essenciais, imutáveis, eterno. No entanto, diferentemente do que sempre se acreditou, o autor de A genealogia da moral quer salientar que os valores "bem" e "mal" têm uma proveniência e uma história. Eles não existiram desde sempre, não são obra de uma divindade ou de um princípio superior. Os valores foram, em algum momento e em algum lugar, criados. Assim, eles surgem, se transformam e podem vir a desaparecer, dando lugar a novos valores. Para pensar os valores, é em Montaigne, Pascal, La Rochefoucauld, Vauvenargues e Chamfort que Nietzsche se inspira em suas reflexões acerca da conduta humana. É neles, ao lado do escritor Stendhal, que encontra alimento para as suas reflexões morais. Os chamados moralistas franceses, em vez de procurar pautar o comportamento do homem por alguma lei divina ou princípio superior, propõem-se estudar o ser humano tal como ele é. Sem se preocupar com a natureza humana universal ou a misericórdia de Deus, que viria salvá-la, querem tomar por objeto de estudo o homem, sem recorrer à metafísica ou à teologia. A obra que esses pensadores empreendem consiste, de modo geral, numa análise sutil dos móveis do homem. Embora quase todos cuidem do modo de agir individual, sempre o concebem como determinado ou corrompido por preconceitos da sociabilidade. No século 17, Pascal dedica-se a fazer ver que o homem sempre se ilude a respeito de si mesmo. É por desconhecer-se que se imagina grande; é para evitar o espetáculo da própria condição que recorre a dissimulações. Observa como as conveniências sociais transformam seus móveis verdadeiros e, sob a máscara da vaidade, descobre seus apetites inconfessáveis. Assim como esses pensadores franceses que tanto admira, Nietzsche quer fazer ver que os valores não são universais. Mas nem por isso resvala no relativismo. Insiste, ao contrário, que não basta mostrar que os valores surgiram a partir de ângulos de visão diferentes. Não basta relacioná-los com as perspectivas que os engendraram; é preciso ainda investigar que valor norteou essas perspectivas ao criarem valores. Assim, o objetivo deste ensaio é estudar, em A genealogia da moral e em Assim falou Zaratustra, de Nietzsche, as diferentes perspectivas a partir das quais surgem os valores, com vistas a mostrar como o filósofo alemão desmonta o mecanismo insidioso que impedia de questioná-los, não vacilando em levar à mesa de dissecação o ressentimento, a culpa e a má consciência, o altruísmo, o amor ao próximo e as chamadas virtudes cristãs, mediante um agudo sentido de análise, empenhando-se em desvendar o funcionamento secreto das paixões do homem. E por que o filósofo alemão faz isso? Porque, para ele, é preciso encontrar um valor ou, se se quiser, um critério de avaliação que não tenha sido criado, ele mesmo, por uma perspectiva avaliadora. Ou seja, para Nietzsche, seria preciso, então, adotar um critério de avaliação que não pudesse ser avaliado. E, para ele, o único critério que se impõe por si mesmo é a vida. Assim, Moral, política, religião, ciência, arte, filosofia, qualquer apreciação de qualquer ordem deve ser submetida ao exame genealógico, deve passar pelo crivo da vida. Fazer qualquer apreciação passar pelo crivo da vida equivale a perguntar se contribui para favorecê-la ou obstruí-la; submeter ideias ou atitudes ao exame genealógico é o mesmo que inquirir se são signos de plenitude de vida ou da sua degeneração; avaliar uma avaliação, enfim, significa questionar se é sintoma de vida. Para tanto, para Nietzsche, o filósofo deve ser o "médico da civilização", uma vez que a ele cabe a tarefa de "resolver o problema do valor", "determinar a hierarquia dos valores", e a filosofia tem de mergulhar fundo na própria época para ultrapassá-la; ela deve visar o que está por vir, tendo em mira um objetivo preciso: a criação de valores. E como? Mediante a transvaloração de todos os valores, já que, para Nietzsche, transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados. É deste ângulo de visão que denuncia o idealismo e reivindica a adesão a esta vida tal como a vivemos, a aceitação deste mundo tal como o encontramos aqui e agora. Este ensaio justifica-se, então, pelo fato de ter como finalidade mostrar como Nietzsche, em A genealogia da moral e em Assim falou Zaratustra, realiza obra análoga à dos iconoclastas, pois, ao filosofar a golpes de martelo, não visa senão a derrubar ídolos, demolir alicerces, dinamitar fundamentos. É deste ponto de vista que critica a metafísica e a religião cristã. Eliminando as esperanças ultraterrenas, Zaratustra, "o sem-Deus", conta reinscrever o ser humano na natureza. Suprimindo o além, Nietzsche, "o anticristo", quer estabelecer uma nova aliança entre homem e mundo. Naturalizar os valores morais. É nisso que consiste, ao que parece, seu empreendimento filosófico.